

SUBSÍDIOS

Hermenêutica*

Hermeneutics

*Ingvild Selid Gilhus***

Introdução

Os ursos deixam rastros ao se mover pela floresta. Eles se coçam nas árvores, quebram galhos e urinam no solo – sinais que outros ursos acham significativos.

Os seres humanos, por sua vez, fazem interpretações dos sinais especiais que constituem o seu próprio mundo. Exemplos de sinais para os humanos são o que as pessoas dizem, as expressões faciais de um ser amado – ou então, o modo de voar de pássaros ou, ainda, o estado do fígado de um animal sacrificado.

Quando a interpretação é transformada num método científico, lhe é atribuída um nome grego: “hermenêutica” – um conceito derivado de *hermeneuein*, que significa “expressar”, “traduzir,” “interpretar”. Os materiais que constituem as fontes para a hermenêutica são textos e outras expressões, e o objetivo da mesma é alcançar a compreensão de seus significados. Na Ciência da Religião, o estudo de textos e expressões não é um fim em si mesmo, mas um meio de se dizer algo sobre a religião e os processos religiosos numa sociedade.

A hermenêutica foi desenvolvida na Antiguidade, quando foi criada uma distinção entre significados literais e alegóricos, como, por exemplo, na leitura de Homero e da mitologia grega e na interpretação da Septuaginta por Filon de Alexandria. Autores

* Tradução do Capítulo 2.11 do *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*, organizado por Michael Stausberg e Steven Engler. Tradução de Fábio Mendia, doutor em Ciência da Religião pelo PPG-CRE da PUC/SP. Revisão de Eduardo R. Cruz. Negritos ao longo do texto são do próprio autor. Tradução gentilmente autorizada por Taylor & Francis, proprietária dos direitos autorais da obra. A tradução mantém as normas formais do original suspendendo as regras redacionais da REVER.

** Professora de História da Religião da Universidade de Bergen, Noruega

crístãos distinguíam diferentes níveís de significado na Bíblia. Orígenes (185-254) diferenciava o sentido literal, o moral e o espiritual das Escrituras. Na prática, essas distinções muitas vezes se resumiam a uma divisão entre o significado literal e o alegórico. Na Renascença, a hermenêutica era fortemente relacionada à filologia, combinada a uma crítica das fontes, e vista como sendo o método básico das ciências humanas. Com a Reforma, crístãos individuais começaram a ler e a interpretar a Bíblia por conta própria, o que despertou um novo interesse sobre interpretação. O teólogo luterano Johann Conrad Dannhauer (1603-66) cunhou a palavra “hermenêutica” e a utilizou no título do livro *Hermeneutica Sacra* de 1654.

Mais tarde a hermenêutica foi estendida de forma a incluir não somente textos clássicos e a Bíblia, mas também textos de outras culturas. Hoje em dia ela é aplicada a objetos semelhantes a textos, como as artes, dramas, fotografias e filmes, e àquelas expressões análogas a textos, como discursos e comunicações não verbais - na prática, é aplicada a qualquer sistema de códigos e processos geradores de sentidos (YANOW, 2006: 15-16). Nesse sentido, a cultura e a religião podem ser vistas como “textuais” e como redes de sinais que podem ser analisados por métodos hermenêuticos.

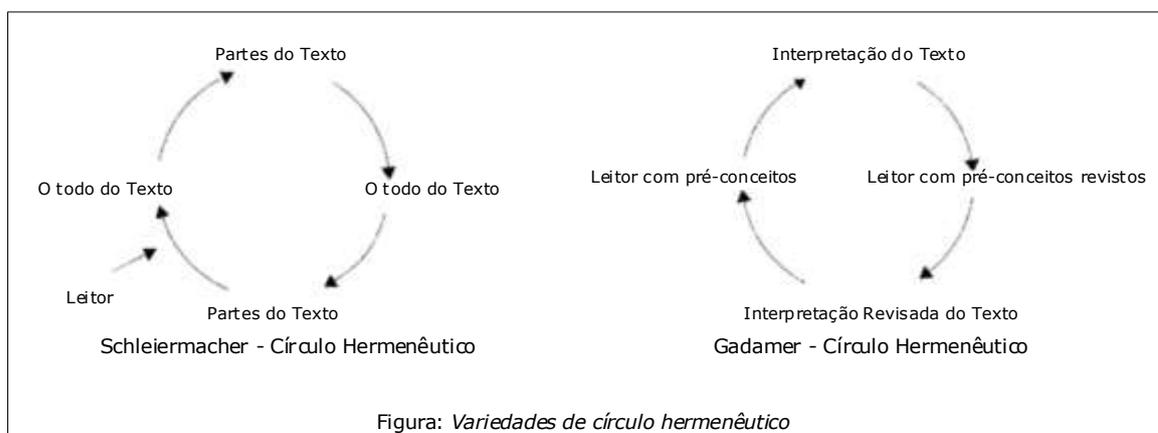
A hermenêutica consiste num processo de leitura que se movimenta de forma alternada entre as partes e o todo do texto; entre sua estrutura e seu significado; entre o horizonte do leitor e o do texto; e entre o texto e seus contextos. Esses processos são descritos como diferentes formas de **círculo hermenêutico** (vide Figura 2.11.1). Elas pressupõem um conhecimento a priori do conteúdo do texto, que é continuamente modificado pela sequência de leituras e interpretações, que vão adicionando camadas de significado e de compreensão num processo sem fim. Assim, nenhum texto fala por si e nenhuma interpretação é definitiva. A abordagem hermenêutica é metaforicamente caracterizada como dialógica, pois pressupõe um intercâmbio contínuo entre o pesquisador e o material da fonte.

A hermenêutica é ao mesmo tempo um método e uma filosofia de interpretação. O método não pode ser empregado satisfatoriamente nem explicado sem estar firmemente alicerçado em teorias de interpretação, pois o ato de interpretação deve sempre incluir uma reflexão sistemática sobre o processo hermenêutico e dos pontos de partida do interprete nesse processo. Segundo o filósofo Hans-Georg Gadamer (vide abaixo), a hermenêutica é mais básica de que outros tipos de métodos, pois todos eles pressupõem uma reflexão hermenêutica. Pode-se até questionar se a hermenêutica chega a ser um método. Uma resposta a essa questão é que é necessário interpretar um texto em um caminho metodologicamente sólido, o que implica em obedecer a determinadas regras consubstanciando, assim, um método.

Diretrizes Hermenêuticas

A primeira diretriz para usar o método hermenêutico é ler o texto lenta e detalhadamente. Um texto pode ser lido centenas de vezes – de frente para trás ou vice-versa, ou mesmo em diagonal, trazendo novas informações a cada vez. Conforme o modelo do círculo hermenêutico, o leitor se aproxima do texto trazendo seus próprios preconceitos e projeta nele seus significados. O conhecimento obtido pela leitura inicial modifica os preconceitos e o texto vai ganhando interpretações cada vez mais ricas a cada leitura subsequente.

Uma segunda diretriz é explorar tudo o que se sabe sobre a linguagem e o contexto do texto. A palavra texto deriva, apropriadamente, do latim *textere*, “tecer”, uma vez que um texto é uma teia de referências a conceitos, ideias, práticas e a outros textos (intertextualidade). Um contexto é o conjunto de condições inter-relacionadas em que algo ocorre ou aparece. No caso de um texto, o contexto inclui principalmente seu ambiente social e cultural, bem como os arredores. De acordo com uma das versões do círculo hermenêutico, o leitor se movimenta, alternadamente, entre o texto e seu contexto.



Um texto sempre tem diversos contextos, e um exemplo disso nos é fornecido pelas instruções finais dos sequestradores do evento de 11/9, encontradas depois do avião ter se chocado com as torres do *World Trade Center*. Essas instruções podem ser lidas a partir do contexto da religião, do contexto político, do contexto social global, do contexto do terrorismo, etc. O contexto religioso pode ser ainda subdividido, por exemplo, a partir do ritual, do Alcorão ou da noção da vida após morte. O significado em cada caso é produzido pela relação entre o texto e um contexto específico, enquanto

que, simultaneamente, fica reduzida a possibilidade de o texto produzir outros significados a partir da relação com outros contextos.

Diferentes contextualizações levam a diferentes leituras. Por exemplo, no início os Mistérios de Mitra foram estudados como se tivessem como pano de fundo a religião iraniana, como fez Franz Cumont, e isso levou a uma interpretação desses mistérios que foi dominante durante setenta anos. Depois que Richard Gordon e John Hinnels criticaram a tese de Cumont, no primeiro Congresso Internacional de Estudos Mitráicos na Universidade de Manchester (1971), novas contextualizações para os mistérios foram sugeridas, a mais importante sendo a cultura romana, mas também a astrologia.

Todos os textos falam do mundo. Se pouco soubermos sobre o mundo do texto, deveremos buscar mais informações. Por exemplo, para fazer uma interpretação do *Épico de Gilgamesh* temos que estar bem informados sobre a religião e a cultura da Mesopotâmia. Qual era sua estrutura política? Quem eram seus deuses? Qual o papel da astrologia nessa cultura? Como era concebido o gênero de poema épico? Um gênero literário carrega significados que não são necessariamente explicitados no texto. Seria também altamente desejável conhecer o idioma do épico: o acádio.

Uma terceira diretriz é de buscar a possibilidade de comparações culturais. Usar um método hermenêutico na História das Religiões é trabalhar em um esquema de comparação. Quando um motivo tiver sido completamente analisado no seu contexto textual e cultural, utilizar material de comparação da mesma área cultural pode inspirar o interprete a buscar significados e intenções que inicialmente passaram despercebidos.

Uma quarta diretriz é estar consciente de que significados textuais estão sempre num fluxo. Textos podem ser estudados tanto em relação à sua origem quanto a como diferentes comunidades os usaram ao longo do tempo. Pode-se perguntar em primeiro lugar: por que um texto foi criado? A quais questões devia responder? Quais as intenções de seu autor? Pode-se perguntar, ainda, o que o manteve vivo? Essa última questão leva a abandonar a busca do autor original e a concentrar-se sobre os leitores e seus contextos históricos e sociais. Textos canônicos, como a Bíblia ou o Alcorão, acumularam camadas de significados à medida que comunidades interpretadoras os foram comentando ao longo do tempo. As atividades de interpretação determinam qual é o significado de um texto – “o texto é sempre uma função da interpretação” (FISH, 1980: 341). Diferentes pessoas e grupos sociais podem ter alterado um texto e deixado suas marcas nele. É sempre útil ter em mente que a autoria dos textos nem sempre se faz de maneira simples. O *Bhagavadgita*, por exemplo, não foi escrito por uma pessoa, mas composto por vários autores antes de atingir sua forma atual. Partes de textos mais antigos são muitas vezes recombinadas quando novos textos são criados.

Uma quinta diretriz é perguntar: de quem são os interesses promovidos no texto? Pois escrever textos e fazer suas interpretações são práticas ligadas a grupos e a seus

interesses. No livro do Genesis, por exemplo, Deus ordena a Adão e Eva: “*Sejam férteis e multiplicai-vos*” (Genesis 1,28 a). Enquanto o casamento e a reprodução eram a norma no Judaísmo, os comentadores cristãos fizeram suas interpretações dos textos bíblicos de modo a dar suporte uma leitura ascética. Elisabeth Clark argumenta que “*os escritores cristãos dos primeiros séculos, criaram de fato uma nova Escritura ‘ascética’ – mas o fizeram por sua interpretação, e não (em geral) por uma omissão ou alteração do mundo Bíblico*” (CLARK, 1999: 05). Assim, leitores criativos produziram novos significados de antigos textos e desenvolveram uma visão de religião que tinha a ascese cristã como seu ápice.

Uma sexta diretriz é tentar formular novas perguntas a um texto. Modernos intérpretes do *Hino Homérico a Demeter* sucessivamente relacionaram o mito de Demeter e Kore à agricultura, ritos de passagem e arquétipos. Em contraste a essas leituras anteriores, a classicista Helene P. Foley concentrou-se no potencial do hino de expressar algo sobre a experiência feminina na Grécia antiga (FOLEY, 1993). Ela tornou o leitor mais consciente dos papéis da mulher no texto, especialmente da relação mãe-filha de Demeter e Kore, mas também dos papeis de Hecate e Rhea. Foley viu os hinos como “*uma versão feminina da busca heroica, que desempenha um papel central nas formas épicas do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, desde os tempos do épico sumério de Gilgamesh*” (FOLEY, 1993: 80). Propiciar novas leituras de um texto pressupõe que se conheça bem as leituras anteriores.

Se fizermos nossa interpretação de acordo com as diretrizes acima, como saberemos se é válida? Estaremos no caminho certo, quando verificarmos que tudo o que foi dito no texto foi levado em conta, e que as diversas partes da interpretação são consistentes entre si bem como com aquilo que já sabemos. A aprovação da comunidade científica é o teste externo da validade de uma interpretação: uma interpretação que poucas pessoas além do seu autor consideram convincente é provavelmente falha. Uma interpretação deve ser mais provável do que outra, fornecendo, por exemplo, melhores respostas a certas questões. Mas, assim como não existe uma leitura definitiva, não existem verificações definitivas e não há normas transcendentais.

“Saia de sua tumba”

A apresentação de um pequeno texto pode ilustrar o enfoque hermenêutico. Num papiro mágico grego (PGM CXXXIII a-f) há um pequeno feitiço para auxiliar a dar à luz uma criança (BETZ, 1996, 319): “*Saia de sua tumba, Cristo está te chamando. [Coloque] um fragmento de vaso de cerâmica sobre a coxa direita*”. O feitiço consiste de uma breve história, e provavelmente se refere à narrativa do evangelho sobre Cristo que chama o Lázaro morto para fora de seu túmulo. Uma vez que o feitiço é parte de um texto mágico que inclui diversas fórmulas ritualísticas, é razoável se pensar que era usado

para um fim específico, no caso, acelerar o processo de nascimento. O texto era provavelmente escrito no fragmento de vaso colocado sobre a coxa da mulher. Dar à luz é uma situação de perigo na vida humana, e o poder do ritual é frequentemente invocado durante o processo. Assim, a história sobre Lázaro por analogia se refere ao bebê (Lázaro), ao útero (a tumba) e a Cristo (como oficiante do ritual). O texto também faz lembrar o paralelo platônico *soma / sema*, onde o corpo é visto como o túmulo da alma.

Relendo e refletindo sobre as palavras do feitiço, somos levados a perguntar se haveria uma conotação com a ideia cristã de um segundo nascimento: ser gerado por uma mulher é ser gerado para a morte, mas ser renascido por Cristo é nascer para a vida eterna. No texto acima, a ideia do primeiro nascimento estaria mesclada à do segundo nascimento, possivelmente para fortalecer a possibilidade de um resultado positivo e de parir uma criança que sobreviva. Mas, a que interesses serve esse feitiço? O proprietário do texto é desconhecido, mas é provável que ele pertencesse a um oficiante de rituais que possivelmente ganhava a vida e obtinha seu status social negociando rituais, enquanto a parturiente e sua família se sentiam reconfortados por este ritual. Às vezes os sacerdotes ganhavam uma remuneração extra vendendo seus serviços no mercado privado. Poderia também ter havido conflitos entre esse tipo de ritual e a Igreja.

A interpretação acima é o resultado de diversas leituras desse feitiço. As várias tentativas de contextualização envolvem: o papiro mágico, evangelhos cristãos, interpretações teológicas, filosofia platônica, nascimento, oficiantes de rituais, religião normativa contra religião popular, e economia. Pode-se aprofundar ainda mais essas perspectivas, ou explorar outras, como, por exemplo, uma perspectiva de gênero: qual é o sexo mais provável do oficiante do ritual? Teria a relação entre útero e túmulo alguma conotação misógina? O útero é geralmente concebido como um órgão doador de vida. Estaria o conceito de tumba sinalizando uma visão negativa da fertilidade feminina, ou somente refletindo a alta taxa de mortalidade de recém-nascidos nas sociedades antigas?

O ponto aqui é que interpretar textos envolve ler e reler, mantendo um diálogo entre as partes e o todo, colocando questões e trazendo diferentes contextos, para tentar trazer à tona algumas das camadas de significado, que o texto, por menor que seja, sempre apresenta a seus leitores.

Bases teóricas e epistemológicas

A história da hermenêutica moderna inclui impulsos provindos de estudos bíblicos, Filosofia e Literatura comparada. Ela reflete o desenvolvimento de visões mais aprofundadas da natureza da interpretação, assim como conflitos sobre os processos hermenêuticos e o objetivo da interpretação. Dentre os nomes mais significativos na

moderna história da hermenêutica destacam-se Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Wilhelm Dilthey (1833-1911), Martin Heidegger (1889-1976), Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1913-2005).

Friedrich Schleiermacher é chamado “o pai da hermenêutica moderna”, apesar de esta caracterização obscurecer o papel de importantes predecessores (FORSTER, 2007). Ele via a interpretação como a interação entre a compreensão de palavras, sentenças, parágrafos e a do texto como um todo. Para ele, existe um movimento contínuo e sem fim entre a interpretação das partes e a interpretação do todo, que se desenvolve em paralelo ao de como as palavras obtêm seu significado por contraste com outras e ao de seu uso na linguagem. O objetivo de Schleiermacher era o de tentar captar a intenção original do autor.

Wilhelm Dilthey construiu sua visão a partir do contraste entre interpretação e explicação feito por Schleiermacher; ele via a hermenêutica como a tarefa principal das ciências humanas (compreensão) em oposição ao método das ciências naturais (explicação). De acordo com Dilthey, os cientistas analisam o objeto a partir do exterior, enquanto que os humanistas tentam, via métodos hermenêuticos, ver o objeto a partir de seu interior. De fato, Dilthey considerava a interpretação como uma arte.

Por sua vez, enquanto Martin Heidegger (*Ser e Tempo*, 1927) via a interpretação como uma questão existencial, e estava menos interessado em linguística do que no “estar no mundo” do ser humano – dizia ele que “*existir é interpretar*” - seu discípulo Hans-Georg Gadamer retornou à questão dos textos e de sua interpretação. A obra de Gadamer (*Verdade e Método*, 1960) é um marco na moderna história da hermenêutica. Segundo Gadamer, o/a interprete está inserido num contexto histórico e cultural e aborda o texto com seus “preconceitos”. Isso implica que significados são projetados no texto e depois modificados e revisados à luz daquilo que emerge à medida que o leitor se aprofunda no texto. Essa visão pode ser considerada uma elaboração sobre o modelo do círculo hermenêutico.

Assim como Heidegger, Gadamer considerou que os preconceitos são produtivos e um meio de alcançar a compreensão: “*Trabalhar essa pré-projeção, que é constantemente revisada nos termos do que emerge à medida que ele [o leitor] penetra no significado, é ir compreendendo o que está lá*” (GADAMER, 1996, 267). Para Gadamer, a interpretação é facilitada porque o passado e o presente são conectados numa continuidade histórica. Somos parte da “*Wirkungsgeschichte*” (história dos efeitos) dos textos antigos. A historicidade da compreensão é elevada ao status de princípio hermenêutico.

Um (a) leitor (a) aborda o texto com seu próprio “horizonte de significados”, confronta o “horizonte do texto”, modifica/abre o seu horizonte e lê o texto novamente com uma verdadeira “fusão de horizontes” – o horizonte do texto e o horizonte do/da intérprete. A interação da pré-compreensão e a leitura do texto, assim como a interação

entre a leitura de partes do texto e a leitura do todo, são intrínsecas a toda compreensão. Nessa nova versão do círculo hermenêutico, o/a leitor (a) se moveu para dentro do círculo e não permanece mais no seu exterior, como na versão de Schleiermacher.

Paul Ricoeur ressaltou o conflito de interpretações. De acordo com ele, intérpretes têm sido em geral obedientes e respeitosos em relação aos textos religiosos – especialmente os intérpretes religiosos. Contrapondo-se à hermenêutica da aceitação, Ricoeur aponta para a *hermenêutica da suspeição* refletindo as contribuições de Karl Marx (1818-83), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939). Suas interpretações ressaltam significados ocultos e críticas da ideologia. Para esses três “mestres da suspeita”, a interpretação é o ponto de partida para as explicações, tanto do Cristianismo quanto da religião em geral.

Segundo Ricoeur, a explicação não exaure as possibilidades de interpretação (RICOEUR, 1981, 155-156). “*No fim, a correlação entre explicação e compreensão, entre compreensão e explicação, é ‘o círculo hermenêutico’*” (*ibid.*: 221). Ricoeur tenta unir, assim, os dois enfoques, o da interpretação e o da explicação, unificando a dualidade exposta por Dilthey.

Essa breve sinopse do desenvolvimento moderno da base teórica e epistemológica da hermenêutica mostra que ela se deslocou da mentalidade, experiência e intenção do autor (Schleiermacher e Dilthey) para focalizar na linguagem, comunidades interpretativas, leitores e conflitos de interpretação (Gadamer e Ricoeur). O processo dialético entre leitores e textos está sempre em foco, mas cada um dos pensadores mencionados deu ao círculo hermenêutico um novo giro, à medida que novas percepções foram surgindo. Em linha com a nova postura linguística e cultural das ciências humanas nas últimas décadas, a interpretação é vista hoje como um processo aberto, com ênfase no discurso e no pluralismo de interpretações.

Especificamente quanto à hermenêutica relacionada ao estudo da religião, pode-se mencionar as obras de Joachim Wach (1898-1955). Nelas, o problema de interpretar e compreender a religião é frequentemente discutido (Wach [1926-33]; vide Klimkeit [1972]; Wedemeyer e Doniger [2010]).

Forças, limitações, assuntos de ordem prática e desafios

A Hermenêutica é importante no estudo das religiões porque ela lida com textos, significados e interpretações de uma forma teoricamente reflexiva. Uma das forças dessa abordagem é que novas perspectivas e contextos convidam a novas perguntas e interpretações.

Podemos questionar o que um texto supunha responder, mas podemos também perguntar coisas que seu autor nunca sonhou que poderiam ser perguntadas. Um texto é uma expressão de um conhecimento cultural e sempre irá relatar mais do que seu (s)

autor (es) pretendiam, pois o horizonte de um texto é mais amplo do que aquele de seu autor (de forma similar, o horizonte do autor é sempre mais amplo do que o horizonte do texto). Entretanto, mesmo se textos podem responder a mais questões do que pensadas por seu autor, não é possível obter respostas a cada pergunta que se queira colocar ao texto. As questões devem se adaptar ao conteúdo e ao caráter dos textos que são interpretados.

A maioria dos métodos esboçados no presente livro pode ser combinada com hermenêutica. A utilidade potencial e a gama de aplicações da hermenêutica são amplas. Sua utilidade para a Filologia é óbvia devido ao tradicional foco desta em textos e em suas histórias. Investigações históricas são, da mesma forma, dependentes de interpretações metodologicamente sólidas e pressupõem reflexões hermenêuticas. Uma vez que muito do trabalho hermenêutico foi realizado sobre a Bíblia, um exemplo nesse campo é representativo. Um livro útil para tanto é o de Manfred Oeming, *Contemporary Biblical Hermeneutics* (2006), que descreve as abordagens da hermenêutica contemporânea e apresenta exemplos de diversos textos bíblicos.

Conforme sugerido acima, a hermenêutica não se limita a estudos de textos e pode ser combinada com métodos antropológicos, por exemplo. Clifford Geertz adotou uma abordagem hermenêutica e utilizou o círculo hermenêutico quando explicou um movimento dialético entre os detalhes locais e a estrutura global, em sua análise das experiências relacionadas ao “si mesmo” (*self*) em Java, Marrocos e Bali (GEERTZ, 1974). Armin Geertz se apoia em Gadamer e na “antropologia interpretativa” de (Clifford) Geertz, quando ele utiliza o termo “etnohermenêutica” para descrever “*a união dos horizontes hermenêuticos do estudante de religião e do intérprete indígena*” (GEERTZ, 1997: 70).

Desenvolver habilidades de interpretação pode evitar mal-entendidos e promover respeito intercultural. De acordo com a “hermenêutica da aceitação”, os textos devem ser lidos de forma empática, levando em consideração suas intenções. Isso, no entanto, pode colocar limites às interpretações, por exemplo, reproduzindo a visão de um grupo de elite. De acordo com Bruce Lincoln, aqueles que têm uma imagem idealizada de uma cultura “*confundem as posições ideológicas preferidas e propagadas pela facção dominante com aquelas do grupo como um todo*” (LINCOLN, 2005: 09).

A “hermenêutica da suspeição” geralmente funciona melhor porque ela pode fazer com que outros grupos sejam enfocados, além da elite cultural, o que significa também que a empatia do interprete é distribuída entre explorar as intenções de um texto e verificar como essas intenções afetam diferentes grupos.

Uma das vantagens de se estudar textos antigos é que se sabe como é que eles foram utilizados posteriormente, bem como o que ocorreu depois de sua publicação, o que não sabemos ao ler textos da atualidade. Conhecer os resultados, no entanto, pode levar

a ler a história de forma enviesada e a negligenciar o fato de que a cada momento outros resultados poderiam ter ocorrido.

Outro aspecto da relação entre passado e presente é como os processos de interpretação anteriores influenciam a hermenêutica. Quando lemos textos do passado associados a uma história contínua de interpretação, podemos negligenciar a forma como esses textos foram interpretados na fase inicial de sua transmissão. Quem pertence a determinada cultura pode ser insensível ao óbvio, pela simples razão de que é óbvio para ele. Perspectivas interculturais e comparativas poderiam amenizar esse tipo de cegueira cultural. Interpretar textos que não são partes de uma tradição conhecida pelo leitor pode encontrar outros tipos de problema, por exemplo, o de estabelecer uma contextualização correta.

Uma abordagem hermenêutica de textos religiosos pressupõe um conhecimento íntimo da tradição interpretativa de determinada religião por parte de estudiosos a ela pertencentes. Como têm sido interpretados e comentados textos, por exemplo, no Budismo e no Sikhismo? Um exemplo de uma utilização bem sucedida de percepção hermenêutica e contextualização é o volume editado por Jeffrey R. Timm, *Texts in Contexts: Traditional Hermeneutics in South East Asia* (1992), no qual diferentes autores investigam como textos têm sido interpretados no seu contexto hermenêutico individual.

Uma questão final: então todo e qualquer texto apresenta um campo ilimitado de potenciais interpretações alternativas? Na Antiguidade tardia algumas comunidades interpretativas (gnósticas) desafiaram a autoridade da Bíblia Hebraica. Quando Deus diz, “*Eu sou o único Deus, além de mim não há outro*” (por exemplo, em Isaias 44,6; 46,9), seus desafiantes alegavam que, se realmente ele era o único deus, não tinha nenhuma razão de dizer isso a toda hora e chegaram à conclusão de que ele seria um impostor. Esse é um exemplo antigo de como uma abordagem desconstrutiva pode atingir o coração de textos, dar-lhes uma nova interpretação e destruir a sua autoridade tradicional. Textos podem significar qualquer coisa que uma comunidade interpretativa desejar que signifiquem (FISH, 1980).

Existe, no entanto, uma diferença entre o uso criativo de textos religiosos e a sua interpretação científica. Os hermenutas do campo da Ciência da Religião estão buscando têm o compromisso de construir interpretações que, segundo acreditam, digam algo sobre os usuários de um texto e das comunidades a ele relacionadas em um certo momento da história. Mas a gama de leituras aceitáveis não pode exceder as fronteiras da interpretação, que são sempre dependentes do contexto cultural e social do texto.

Referências

- BETZ, H. D., 1996 [1986]. *The Greek Magical Papyri in Translation, including the Demotic Spells*. The University of Chicago Press. Chicago, London.
- CLARK, E. A., 1999. *Reading Renunciation: asceticism and scripture in Early Christianity*. Princeton University Press, Princeton.
- FISH, S., 1980. *Is There a Text in This Class? The authority of interpretive communities*. Harvard University Press, Cambridge, MA, London.
- FOLEY, H. P. (ed.), 1993. *The Homeric Hymn to Demeter: translation, commentary and interpretive essays*. Princeton University Press, Princeton.
- FORSTER, M. N., 2007. Hermeneutics. In: LEITER B. and ROSEN, M. (eds.), *The Oxford Handbook of Continental Philosophy*. Oxford University Press, Oxford, New York, pp. 30-74.
- GADAMER, H. G., 1996 [1960]. *Truth and Method*. Trans. J. Weinsheimer and D.G. Marshall. Sheed & Ward, London (há tradução brasileira).
- GEERTZ, A. W., 1997. Hermeneutics in ethnography: lessons for the study of religion. In: Klimkei, H.-J. (ed.), *Vergleichen und Verstehen in der Religionswissenschaft*. Harrassowitz Verlag, Wiesbaden, pp. 53-70.
- GEERTZ, C., 1974. From the native's point of view': on the nature of anthropological understanding. *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences* 28(1): 26-45. Há tradução em português, como disponível em GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997. pp. 85-107.
- KLIMKEIT, H.-J., 1972. Das Prinzip des Verstehens bei Joachim Wach. *Numen* 19: 216-28.
- LINCOLN, B., 2005. Thesis on method. *Method and Theory in the Study of Religion* 17 (1): 8-10.
- OEMING, M., 2006. *Contemporary Biblical Hermeneutics: an introduction*. London, Ashgate.

RICOEUR, P., 1981. *Hermeneutics and the Human Sciences: essays on language, action and interpretation*. Cambridge University Press, Cambridge.

TIMM, J. R. (ed.), 1992. *Texts in Context: traditional hermeneutics in South Asia*. State University of New York Press, Albany.

WACH, J., 1926-33. *Das Verstehen: Grundzuge einer Geschichte der hermeneutischen Theorie in 19. Jh.* 3 vols. J.C.B. Mohr, Tübingen.

WEDEMEYER, C.K. and DONIGER, W. (eds.), 2010. *Hermeneutics, Politics, and the History of Religions: the contested legacy of Joachim Wach and Mircea Eliade*. Oxford: Oxford University Press.

YANOW, D., 2006. Thinking interpretively: philosophical presuppositions and the human sciences. In: YANOW, D. and SCHWARTZ-SHEA, P. (eds.), *Interpretation and Method: empirical research method and the interpretive turn*. M.E. Sharpe, Armonk, NY, London, pp. 3-26.

Sugestões de leitura

FISH, S., 1980. *Is There a Text in This Class? The authority of interpretive communities*. Harvard University Press, Cambridge, MA, London. *Nessa coleção de ensaios, Stanley Fish usa uma abordagem do ponto de vista do leitor e examina como comunidades interpretativas determinam a leitura de textos.*

FLOOD, G., 1999. *Beyond Phenomenology: rethinking the study of religion*. Cassell, London, New York, pp. 65-90. *Discute a relevância da hermenêutica de Gadamer para o estudo da religião.*

FORSTER, M. N., 2007. Hermeneutics. In: LEITER B. and ROSEN, M. (eds.), *The Oxford Handbook of Continental Philosophy*. Oxford University Press, Oxford, New York, pp. 30-74. *Apresenta pensadores chave para a Moderna Filosofia da Hermenêutica.*

GADAMER, H. G., 1996 [1960]. *Truth and Method*. Sheed & Ward, London. *Desenvolve uma teoria da compreensão dependente da linguagem e da história. Há tradução em Português: Verdade e Método. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.*

PENNER, H. H., 2000. Interpretation. In: Braun, W. and McCutcheon, R.T. (eds.), *Guide to the Study of Religion*. Cassell, London, New York, pp. 57-71. *Inspirado por*

Donald D. Davidson, o autor propõe que a interpretação envolve condições de verdade, possibilidade de tradução e significado literal.

RICOEUR, P. 1981. *Hermeneutics and the Human Sciences: essays on language, action and interpretation*. Cambridge University Press, Cambridge. *Examina a história da hermenêutica e formula um conceito do texto*. Os textos de Ricoeur sobre hermenêutica bíblica estão contidos em dois livros em português: *Ensaio sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial / Ed. Novo Século, 2004. *A Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

Conceitos Chave

Hermenêutica: A teoria da interpretação e a análise dos princípios da interpretação.

Círculo hermenêutico: Descreve o processo de compreensão do significado como um processo dialético que se movimenta alternadamente entre as partes e o todo de um texto, entre sua estrutura e seu significado, entre o texto e o contexto, e entre o horizonte do leitor e o horizonte do texto.

Hermenêutica da suspeição: Ressalta os significados ocultos e apresenta críticas à ideologia.

Recebido: 19/02/2016

Aprovado: 24/04/2016